



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAIBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES
COORDENAÇÃO DO CURSO DE LETRAS - ESPANHOL
CURSO DE GRADUAÇÃO EM LICENCIATURA EM
LETRAS/INGLÊS

HELBA ALEXSANDRA MACIEL PINHEIRO CORRÊA

VOZ NO VAZIO: UMA ANÁLISE DOS ESTUDOS PÓS-COLONIAIS NO
CONTO “THE THING AROUND YOUR NECK”

João Pessoa

2024

HELBA ALEXSANDRA MACIEL PINHEIRO CORRÊA

**VOZ NO VAZIO: UMA ANÁLISE DOS ESTUDOS PÓS-COLONIAIS
NO CONTO “THE THING AROUND YOUR NECK”**

**Trabalho de Conclusão de Curso submetido à
Coordenação do Curso de Licenciatura em
Letras, da Universidade Federal da Paraíba,
como parte dos requisitos necessários para
obtenção do título de Licenciada em Letras-
Língua Inglesa.**

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Débora Souza da Rosa

João Pessoa – PB

Período 2023.2

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

C824v Corrêa, Helba Alessandra Maciel Pinheiro.

Voz no vazio : uma análise dos estudos pós-coloniais
no conto "The thing around your neck". / Helba
Alessandra Maciel Pinheiro Corrêa. - João Pessoa, 2024.
41 f.

Orientadora : Debora Sousa da Rosa.
TCC (Graduação) - Universidade Federal da
Paraíba/Centro de Ciências, Letras e Artes, 2024.

1. Adichie, Chimamanda Ngozi. 2. Estudos
pós-coloniais. 3. Identidade. 4. Diáspora. I. Rosa,
Debora Sousa da. II. Título.

UFPB/CCHLA

CDU 82.09

HELBA ALEXSANDRA MACIEL PINHEIRO CORRÊA

**VOZ NO VAZIO: UMA ANÁLISE DOS ESTUDOS PÓS-COLONIAIS
NO CONTO “THE THING AROUND YOUR NECK”**

Trabalho de Conclusão de Curso submetido à Coordenação do Curso de Licenciatura em Letras, da Universidade Federal da Paraíba, como parte dos requisitos necessários para obtenção do título de Licenciada em Letras – Língua Inglesa.

APROVADA em _____ de _____ de 2024.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Débora Souza da Rosa
ORIENTADORA–UFPB

Profa. Dra. Maria Elizabeth Peregrino Souto Maior
EXAMINADORA–UFPB

Profa. Dra. Renata Gonçalves Gomes
EXAMINADORA–UFPB

Prof. Dra. Danielle Dayse Marques de Lima
SUPLENTE–UFPB

AGRADECIMENTOS

A Deus e a Nossa Senhora, por me permitirem que o sonho de ensinar se transformasse em realidade, agora diplomada.

A meus pais, Diagoras Corrêa Júnior (*in memorian*), homem inteligentíssimo e que jamais desistia daquilo que almejava - tenho certeza que herdei, além da aparência física, também essa teimosia incansável, e a minha mãe Relba Maciel Pinheiro Corrêa, mulher batalhadora, guerreira e incansável, uma leoa na defesa e criação dos seus filhos e familiares.

A meu sonho de menina, à minha sempre bebê Julia Caroline, minha Jujuba, minha fortaleza, a minha melhor parte, o meu orgulho de vida e a pessoa que me faz querer ser um ser humano melhor diuturnamente.

Ao meu companheiro de jornada, de vida, de aventuras, de brigas e de todos os momentos, meu porto seguro, minha rocha, homem honesto, ilibado, exemplo de pai e esposo que jamais me deixou sequer pensar na possibilidade de desistir, o grande incentivador para a conclusão deste trabalho, José Genessy Varderley.

Ao meu irmão já falecido, Diagoras Corrêa Terceiro Neto; aos meus avós maternos – Papai Rogé e Mãe Nêem que me criaram e em muito fizeram com que eu hoje fosse quem sou; a minha irmã, minha amada Nina Maria Aparecida (Picita), o maior exemplo de força, de resiliência e de superação que já tive na vida... Muito obrigada por ter a honra de ser sua irmã; aos meus sobrinhos amados Guto, Nanda e Gabi, meus orgulhos, amores sem medida.

A todos os meus colegas professores, na empresa onde trabalho e onde trabalhei, em especial minha antiga coordenadora, Marise Ritondale, que sempre ouviram minhas lamúrias e lamentações. Perdão por tantos comentários!

À minha orientadora Prof.^a Dr^a Débora Souza da Rosa, por atender ao meu apelo e se permitir a estar comigo nesta jornada, pelas correções que muito me ajudaram no desenvolvimento do trabalho, e por ser um exemplo de comprometimento com a profissão escolhida.

À banca, Maria Elizabeth Peregrino Souto Maior, Renata Gonçalves Gomes e Danielle Dayse Marques de Lima, por dedicarem seu tempo e conhecimento para avaliarem este trabalho e me auxiliarem a alcançar um melhor resultado.

Aos queridos professores que me acompanharam durante esses anos, demonstrando dedicação e competência profissional. Não posso avaliar, tampouco mensurar as experiências e o saber recebido tão generosamente de vocês, grandes mestres. Alguns, inclusive, já aposentados. Jamais vos esquecerei.

Aos colegas do curso, que me proporcionaram momentos de alegria e compartilhamento de tantos momentos bons, divertidos e até os tensos... Tudo isso me fez crescer como um ser humano melhor, até este instante. Também agradeço a todos que direta ou indiretamente contribuíram para a realização deste trabalho.

Por fim, a todos os pesquisadores e pesquisadoras que buscam compreender a mulher, seus silêncios, gritos, dores, neste mundo patriarcal, injusto e desigual em que vivemos, em busca de uma sociedade mais justa e igualitária.

“A língua do poder, falada pelos que têm o poder, carrega consigo as sementes do seu próprio colapso.”

Chinua Achebe

RESUMO

O conto "The Thing Around Your Neck", de Chimamanda Ngozi Adichie, apresenta uma exploração sutil da identidade pós-colonial por meio das experiências de sua protagonista, Akunna. Este trabalho emprega a teoria pós-colonial, baseando-se nas obras de estudiosos como Homi Bhabha e Stuart Hall, para analisar a jornada de Akunna como uma jovem imigrante nigeriana nos Estados Unidos. Através da ótica dos estudos pós-coloniais, estes examinam a identidade fragmentada de Akunna, o significado de seu silêncio e as consequências da desconstrução do sonho estadunidense. Ao mergulhar nesses temas, este trabalho visa lançar luz sobre as complexidades da identidade cultural e da diáspora, enfatizando, em última análise, as lutas individuais dos personagens dentro de um contexto mais amplo de dinâmicas de poder e hegemonia cultural.

Palavras-chave: Estudos pós-coloniais, identidade, diáspora, Chimamanda Ngozi Adichie, "The Thing Around Your Neck".

ABSTRACT

Chimamanda Ngozi Adichie's short story "The Thing Around Your Neck" presents a nuanced exploration of post-colonial identity through the experiences of its protagonist, Akunna. This paper employs post-colonial theory, drawing upon the works of scholars such as Homi Bhabha and Stuart Hall, to analyze Akunna's journey as a young Nigerian immigrant in the United States. Through the lens of post-colonialism, this study examines Akunna's fragmented identity, the significance of her silence, and the consequences of deconstructing the American dream. By delving into these themes, this paper aims to shed light on the complexities of post-colonial identity and migration, ultimately emphasizing the individual struggles of characters within a broader context of power dynamics and cultural hegemony.

Keywords: Post-colonial studies, identity, migration, Chimamanda Ngozi Adichie, The Thing Around Your Neck.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1.1 SÍNTESE DO CONTO.....	12
2 CONTEXTO HISTÓRICO	14
3 AUTORA E OBRA	16
3.1 A ESCRITA EM SEGUNDA PESSOA	18
4 TEORIAS PÓS-COLONIAIS E HIBRIDISMO CULTURAL POR HALL E BHABHA.....	19
4.1 DIÁSPORA	23
4.2 AKUNNA - QUESTÃO IDENTITÁRIA.....	27
4.2.1 OLHOS COR DE OLIVA.....	31
4.3 DESCONSTRUÇÃO DO SONHO AMERICANO	34
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	38
REFERÊNCIAS.....	40

INTRODUÇÃO

“Voz no Vazio” é uma análise pós-colonial do conto “The Thing Around Your Neck”, da escritora Chimamanda Ngozi Adichie, e explora as complexidades das narrativas pós-coloniais presentes na obra desta renomada autora nigeriana. Propomos uma análise da turbulenta experiência de construção identitária da mulher negra e diaspórica em um país estranho e imperialista, sob as perspectivas conceituais de identidade cultural e hibridismo cultural, dos teóricos do pós-colonialismo Stuart Hall e Homi Bhabha, respectivamente.

Adichie emergiu como uma das vozes mais proeminentes da literatura contemporânea africana, trazendo à tona questões cruciais de identidade, pertencimento e poder por meio de suas narrativas envolventes. “No seu pescoço”, como foi publicado em 2009 e traduzido em 2017 por Julia Romeu, pela editora Companhia das Letras, serve como um microcosmo das experiências pós-coloniais na Nigéria e além, explorando as nuances das relações humanas e os efeitos persistentes de um país que sofreu os embates da colonização.

Neste contexto, nossa análise se concentra em desenterrar as camadas de significado presentes no conto, destacando como Adichie emprega elementos narrativos para retratar a voz e a vida das mulheres nigerianas em um mundo pós-colonial. Ao mergulhar na complexidade das interações culturais, políticas e sociais, busca-se compreender como as personagens negociam suas identidades e autonomia em meio a um legado colonial que permeia suas vidas.

Suas obras frequentemente abordam as tensões entre a tradição africana e a modernidade representada pelo deslocamento para os Estados Unidos, em um gesto diaspórico pós-colonial. As personagens principais, em sua maioria mulheres negras, enfrentam as complexidades de suas identidades em trânsito entre continentes. São mulheres emancipadas e independentes, porém divididas por processos complexos de construção identitária.

As narrativas buscam manter as heranças culturais das personagens, ao mesmo tempo em que elas tentam se adaptar e encontrar seu lugar na nova ordem do país onde vivem, os Estados Unidos. Seus contos exploram construções subjetivas de pessoas negras, dinâmicas familiares e o papel das mulheres na sociedade, além de temas como estética e identidade corporal, como o cabelo.

O objetivo principal deste trabalho é realizar uma análise do conto, destacando como Adichie utiliza elementos narrativos para retratar a voz e a agência das mulheres nigerianas em um mundo pós-colonial, especificamente Akunna. Além disso, o trabalho busca contribuir para

uma melhor compreensão das dinâmicas de poder e resistência na literatura africana contemporânea, especialmente nas obras de Adichie.

Ademais, a obra da autora e as teorias pós-coloniais oferecem interpretações sobre questões globais de justiça social, empoderamento feminino e diáspora africana, podendo contribuir para um diálogo mais amplo sobre as heranças coloniais e seus impactos persistentes na sociedade contemporânea. Portanto, esta pesquisa não apenas busca enriquecer o campo acadêmico da literatura africana, bem como tem implicações práticas ao oferecer perspectivas que podem informar políticas públicas, intervenções sociais e narrativas culturais que visam abordar desigualdades e injustiças em contextos pós-coloniais e diaspóricos.

Os objetivos desta pesquisa também incluem descobrir as camadas de significado presentes no conto, examinar como Adichie emprega elementos narrativos para explorar a identidade e autonomia da personagem principal em um contexto pós-colonial e analisar as possíveis implicações das teorias pós-coloniais, principalmente de Homi Bhabha e Stuart Hall, na compreensão da obra. Além disso, a revisão da literatura destaca a relevância dessas teorias para entender as dinâmicas de identidade e poder em contextos pós-coloniais.

No conto selecionado, a narrativa ocorre em segunda pessoa, revivendo a frustrada tentativa de saída da personagem Akunna de seu país de origem em direção aos Estados Unidos. Serão exploradas as possíveis significações da metáfora contida no título do conto, assim como do uso da narrativa em segunda pessoa como recurso estilístico ligado às memórias traumáticas dos episódios de racismo cotidiano que a personagem principal sofre.

As teorias de Homi Bhabha e Stuart Hall fornecem ferramentas conceituais para examinar como a identidade é construída em contextos pós-coloniais. No caso de Akunna, uma imigrante nigeriana nos Estados Unidos, a intersecção entre sua identidade nigeriana e sua experiência no país onde ela decide viver é crucial para entender sua posição na diáspora africana e como ela negocia sua identidade em meio a essas complexidades. Diante da experiência vivenciada pela protagonista, estudar como ela lida com essa hibridização cultural pode revelar *insights* muito importantes sobre as dinâmicas nos estudos pós-coloniais.

Nesse mesmo passo, as teorias trazidas à baila também abordam a negociação de poder e pertencimento nos mesmos contextos. Tratando-se de Akunna, sua experiência como imigrante negra nos Estados Unidos a coloca em uma posição de marginalização e deslocamento onde ela constantemente negocia seu poder e seu sentido de pertencimento. Analisar essas dinâmicas pode fornecer uma compreensão mais profunda das hierarquias sociais e políticas no mundo.

Portanto, o estudo das teorias pós-coloniais no conto “The Thing Around Your Neck” não apenas visam contribuir para o entendimento acadêmico mais amplo das dinâmicas pós-coloniais, mas também tem implicações práticas: tal qual informar políticas públicas, intervenções sociais e narrativas culturais que visam abordar questões de desigualdade, injustiça e marginalização em contextos pós coloniais e diaspóricos e, indo mais além, ao aplicar as teorias aqui estudadas no conto sobre Akunna como personagem principal, estudiosos podem explorar questões de identidade, hibridismo cultural, poder e pertencimento em contextos análogos, contribuindo tanto para o conhecimento acadêmico quanto para a compreensão prática e ação social.

Neste trabalho, pretendemos, diante de todo exposto, estudar o contexto histórico do país nigeriano; compreender a escrita da autora Chimamanda Ngozi Adichie e sua obra e perscrutar a narrativa em segunda pessoa e suas consequências; entender a problemática por trás dos estudos pós-coloniais e o hibridismo cultural a partir, principalmente, dos teóricos Homi Bhabha e Stuart Hall; verificar os efeitos da diáspora em Akunna; investigar a questão identitária da protagonista; perquirir qual o relacionamento da personagem principal e seu namorado; e finalmente tecer nossas considerações finais e referencial teórico.

É necessário ressaltar que esse conto me foi apresentado pela professora doutora Elizabeth Souto Maior no primeiro semestre do curso, na disciplina Cultura dos Povos, fizemos um trabalho e o conto escolhido foi justamente o que mais chamou atenção dos alunos, lembro-me bem. Instigou-nos o artifício literário da escrita em segunda pessoa fazendo referência a algo asfixiante ao redor do “teu” pescoço (título: “The Thing Around Your Neck”). Nunca mais esse texto me saiu da cabeça devido à riqueza interpretativa que oferece, até escolher retornar a ele neste trabalho.

O sentimento hoje ao estudar este conto assemelha-se ao desenrolar do fio de Ariadne¹. Há tanto a ser analisado e as linhas são pouquíssimas para honrá-lo nesta pesquisa.

1.1 SÍNTESE DO CONTO

¹ Referência à mitologia grega e é mais conhecido por sua aparição na história do labirinto do minotauro. De acordo com a lenda, o rei Minos de Creta ordenou a construção de um labirinto complexo para abrigar o minotauro, uma criatura meio homem e meio touro. Antes de entrar no labirinto, Teseu recebeu ajuda de Ariadne, filha do rei Minos. Ela lhe deu um novelo de fio e instruiu-o a amarrá-lo na entrada do labirinto e desenrolá-lo a medida que avançasse, para que pudesse encontrar o caminho de volta. Usando o fio como guia, Teseu conseguiu derrotar o minotauro e encontrar a saída do labirinto.

“The Thing Around Your Neck” é um conto narrado em segunda pessoa que descreve a história de Akunna, uma garota nigeriana que se mudou para os Estados Unidos e foi morar com um “tio”, que é assim chamado apesar de ser apenas amigo da família, não parente de fato. A partida de Akunna foi marcada por incentivos de seus tios, amigos e família que acreditavam que ela tinha ganhado na loteria por vontade própria e poderia ter uma vida melhor nos Estados Unidos. Seus tios acreditavam que morando lá a vida da sobrinha melhoraria e em pouco tempo ela conseguiria um carro e uma casa grandes.

O processo de migração da personagem é percebido por sua família como sendo uma diáspora no sentido de proporcionar a esperança e um recomeço, a tão almejada ascensão social e financeira aconteceria com a personagem principal, algo que ela não alcançaria se permanecesse em seu país de origem, como ocorre com a família e amigos de Akunna. Todavia, enquanto para sua família o processo de migração é sentido com esperança, para a protagonista ocorre o inverso, a saída do seu lar, seu deslocamento e o processo de separação da sua família provoca traumas profundos em Akunna, muito embora ela tenha ido por vontade própria.

O primeiro contato de Akunna com a cultura estadunidense ocorre por meio de um cachorro-quente que a fez se sentir enjoada, mas que seu tio havia comprado como uma introdução à cultura. Em seguida, seu tio explica que valia a pena morar em uma cidade de brancos mesmo que sua mulher perdesse uma hora de carro para achar um salão que cuidasse de cabelos crespos, pois nos Estados Unidos era dando que se recebia, dava-se muito, mas recebia-se muito também.

Frequentemente as mulheres brancas com quem Akunna passa a ter contato a questionam sobre a sua cultura, mostrando ignorância em relação ao outro diaspórico vindo de África, como se a Nigéria e seus habitantes não pertencessem ao planeta globalizado em que vivemos. Apesar de mostrar à Akunna que ela deveria se adaptar a esse tipo de comentário e ao tipo de cultura dos estadunidenses, em sua residência, seu tio e família ainda se comunicam em *igbo* e cozinham comidas típicas da Nigéria, hábitos que fazem Akunna sentir-se parcialmente em casa. Mesmo sentindo-se em casa, Akunna se vê obrigada a fugir, em consequência de seu tio tentar abusar dela sexualmente, alegando que ela não era mais uma criança: “Depois que você o empurrou para longe, ele se sentou na sua cama — a casa era dele, afinal de contas —, sorriu e disse que você não era mais criança, já tinha vinte e dois anos. Se você deixasse, ele faria muitas coisas por você. As mulheres espertas faziam isso o tempo todo. Como você achava que aquelas mulheres com bons salários em Lagos conseguiam aqueles empregos? E até as mulheres em Nova York?” (ADICHIE, 2017, p. 60-61).

Akunna foge e sua única opção é pedir emprego em uma lanchonete, se sujeitando a receber bem menos que as garçonetes brancas para ser contratada. Há um quarto nos fundos da lanchonete que o dono lhe oferece para ficar. O dinheiro que ganha como garçanete lhe rende apenas para o aluguel, pois o resto é enviado à família, sem uma carta, pois ela não sabe o que escrever, por mais que queira. Além de não escrever, Akunna não consegue mandar os presentes que lhe pedem, por conta do valor baixíssimo de seu salário, assim como não tem coragem de contar sobre o ocorrido com o tio, deixando todos sem saberem onde ela está e gerando em si mesma a sensação de sufoco e frustração.

Na tentativa de ter uma vida melhor em um país cuja propaganda promete um sonho de liberdade, sucesso e prosperidade, Akunna abandona a própria cultura e as dificuldades enfrentadas em seu próprio país, porém, ao perceber que não seria tão simples como pensava, a sensação de invisibilidade toma conta dela e sua identidade passa a ser questionada. Permanecer exercendo uma função que não seria sua primeira escolha, viver com nada mais que o básico por falta de condição, abdicar da universidade e ouvir comentários e perguntas racistas – tudo isso passa a sufocá-la, assim como a certeza de que não receberia apoio se revelasse a tentativa de abuso sexual por parte de alguém da família e quisesse voltar para onde ela sentia ser seu verdadeiro lar.

Supõe-se que a narração em segunda pessoa reforce as ideias de invisibilidade, falta de identidade e sufoco sofridas por Akunna, uma vez que a protagonista não tinha voz nem em seu país de origem e muito menos em um país estrangeiro, completamente racista e patriarcal, no qual ela se obrigava a aceitar migalhas para poder sobreviver. A questão da identidade de Akunna começa a incomodá-la ainda mais quando ela se envolve com um homem branco cujos olhos eram da cor de azeite de oliva, sendo essa a única coisa que ela realmente gostava nos Estados Unidos. Além disso, esse homem parecia respeitar e entender um pouco de sua cultura e costumes. Todavia, aos poucos, esse homem de cabelos loiros passa a sutilmente agir sem respeitar a opinião de sua namorada.

O momento decisivo para Akunna é quando ela recebe uma carta de sua mãe dizendo que seu pai havia morrido. Ela se questiona sobre o que estava fazendo no momento da morte dele e resolve voltar para a Nigéria. Quando o namorado tenta acompanhá-la, Akunna diz que precisa ir sozinha e não responde se voltará.

2 CONTEXTO HISTÓRICO

“The Thing Around Your Neck” começa na Nigéria, durante o período pós-colonial e pós independência do país, e depois se desloca para os Estados Unidos, onde se desenrola a maior parte do enredo. O contexto histórico do conto, portanto, é influenciado pelo processo de descolonização da Nigéria, que alcançou sua independência do domínio britânico em 1960. Após a independência, o país enfrentou desafios políticos, sociais e econômicos significativos, incluindo golpes militares, instabilidade governamental, corrupção e tensões étnicas e religiosas.

A Nigéria tem uma história muito complicada. O país é extremamente diverso, com mais de 250 grupos étnicos diferentes e uma divisão religiosa entre o Islã, no Norte, e o Cristianismo, no Sul.

Uma das tensões étnicas mais significativas na Nigéria é a rivalidade entre os grupos étnicos *Hausa-Fulani*, predominantemente muçulmanos, e os *Igbo*, predominantemente cristãos. Isso culminou na Guerra Civil Nigeriana entre 1967 e 1970, na qual a Região do Biafra, liderada pelos *Igbo*, tentou se separar do resto do país.

Além disso, outros grupos étnicos, como os *Yorubá*, os *Tiv*, os *Ibibio* e os *Kanuri*, têm enfrentado problemas com o governo central e entre si, muitas vezes relacionadas à competição por recursos, terras e poder político.

No aspecto religioso, as tensões entre muçulmanos e cristãos têm aumentado ao longo dos anos. Isso resultou em numerosos conflitos e ataques violentos, especialmente na região central do país conhecida como "Cinturão Médio", onde as comunidades muçulmanas e cristãs se sobrepõem. Esses conflitos têm sido alimentados por controle político e disputa por recursos naturais (como já explicitado), mas principalmente por divergências ideológicas.

Em suma, todos esses problemas que a Nigéria tem enfrentado trouxeram desafios significativos relacionados às divergências entre grupos étnicos que possuem costumes, crenças e modo de vida diverso. Isso impacta indiretamente a vida das pessoas comuns na Nigéria, como retrata a história de Akunna, uma jovem nigeriana *Igbo* que luta para encontrar seu lugar em uma sociedade dividida e em constante mudança. Tudo tem início na Nigéria e posteriormente ela migra para os Estados Unidos ao ganhar na loteria do *greencard* (embora quem tenha colocado seu nome na loteria tenha sido seu tio).

Akunna representa a voz da nova geração, que busca uma identidade própria e enfrenta as dificuldades de equilibrar as tradições culturais nigerianas com as influências ocidentais trazidas pelo colonialismo. Ao longo do conto, Adichie aborda questões de identidade, gênero, raça, amor e pertencimento em um contexto histórico específico.

Dessa forma, o contexto histórico no conto “The Thing Around Your Neck” reflete as lutas e desafios enfrentados pelo povo nigeriano na era pós-colonial, fornecendo uma perspectiva única sobre as experiências individuais e coletivas daqueles que vivem nesta realidade histórica.

A protagonista é da etnia *Igbo*, uma das maiores etnias no Sudeste da Nigéria, que tem uma história rica e diversificada, com uma língua e valores culturais próprios. Conhecer a etnia de Akunna nos ajuda a compreender melhor sua identidade e a relação que ela tem com sua comunidade e o mundo ao seu redor.

Este trabalho também tem como fonte de pesquisa outro livro da escritora Chimamanda Ngozi Adichie, seu livro *Half of a Yellow Sun (Meio Sol Amarelo)* que aborda a história de duas irmãs, Olanna e Kainene, e como suas vidas são afetadas pela Guerra Civil Nigeriana nos anos 60. O livro retrata a experiência das personagens durante esse período turbulento, explorando temas como amor, família, lealdade, identidade, política e o impacto da guerra na vida das pessoas. Ele também retrata as consequências da colonização e a luta pela independência na Nigéria, além de abordar questões sociais e culturais do país. Este livro é importante para entender a identidade e herança étnica *igbo* de Akunna.

Ressaltamos que não existe menção da personagem principal e narradora do conto do tempo diegético em que o conto acontece, mas existem dicas importantes que nos levam a crer se passar nos anos 2000 (século XXI) – primeiro pelo jogo que Akunna assiste na TV, *Jeopardy* (e que ainda existe e era sucesso na época), além do período do final da guerra enfrentada pela Nigéria e o final da loteria do *greencard* (por volta de 2022) no país da protagonista.

3 AUTORA E OBRA

Chimamanda Ngozi Adichie, é uma escritora nigeriana, nascida em 1977, em *Enogu*, originária de uma família de classe média *igbo*. Seu pai era professor universitário e vice-reitor da universidade da Nigéria, enquanto sua mãe trabalhava como administradora. Adichie cresceu no campus universitário, demonstrando desde cedo o interesse precoce pela leitura e escrita. Aos 19 anos, mudou-se para os Estados Unidos para continuar seus estudos, onde obteve um mestrado em estudos africanos pela Universidade de Yale e começou a explorar a escrita criativa.

Adichie é uma autora nigeriana de renome internacional que desempenha um papel fundamental na literatura africana contemporânea. Seus contos e romances exploram

profundamente a experiência das mulheres africanas, dando voz a personagens que muitas vezes foram silenciadas pela história e pela sociedade patriarcal.

Ela é conhecida por suas obras literárias que abordam temas como identidade, feminismo, colonialismo e desigualdades sociais. Sua escrita, marcada por uma linguagem envolvente e uma abordagem sensível dos problemas sociais contemporâneos, tornou-a uma voz importante na literatura e na defesa dos direitos humanos. Alcançou reconhecimento mundial com seu romance de estreia, *Hibisco Roxo*, publicado em 2003. Desde então, ela escreveu outras obras aclamadas, como *Meio sol amarelo* e *Americanah*, que receberam diversos prêmios literários e foram traduzidos para vários idiomas.

É importante ressaltar que, além de sua contribuição para a literatura, Adichie é uma proeminente ativista feminista. Em seu famoso discurso do TED intitulado "Sejamos todos feministas", ela defende a igualdade de gênero e critica os estereótipos e preconceitos que ainda persistem na sociedade. Sua influência transcende a literatura, inspirando muitas pessoas a refletirem sobre questões de gênero e a lutarem por uma sociedade mais justa e igualitária.

No conto "The Thing Around Your Neck", a autora demonstra com toda sua sensibilidade a vida de Akunna, uma mulher nigeriana que migra para os Estados Unidos em busca de melhores condições de vida. Todavia, como ocorre com tantas outras mulheres, a protagonista enfrenta inúmeros desafios e vive uma vida complexa em que a esperança e o sonho são confrontados com a solidão, o preconceito racial e sua dificuldade de adaptação.

Numa tentativa de analisar o título do conto, é importante enfatizar que (como na versão traduzida) "No Seu Pescoço" pode ter muitos significados, desde aquela corda no pescoço que aperta nos momentos difíceis, até um doloroso grito calado que ecoa no inconsciente dessa protagonista. Investigar esse silêncio devastador feminino possui relevância, pois há séculos e séculos as mulheres negras são silenciadas e também seus escritos literários.

Diante do exposto, reconhecer que as vozes e escritos literários dessas mulheres foram ignorados ou suprimidos pela sociedade patriarcal é salutar. "No Seu Pescoço" pode ser interpretado como uma metáfora para a opressão e o silenciamento que as mulheres enfrentam ou enfrentaram em suas vidas. O conto pode explorar os sentimentos de confinamento, opressão e falta de autonomia que as mulheres experimentam diante das expectativas sociais, culturais e de gênero. Ao dar voz e espaço para essas experiências, a obra desafia o *status quo* e oferece uma perspectiva que é frequentemente ignorada ou negligenciada, mas fundamental.

3.1 A ESCRITA EM SEGUNDA PESSOA

No conto em análise, a narrativa ocorre em segunda pessoa, contando a tentativa frustrada de saída de Akunna da Nigéria para os Estados Unidos. Acreditamos que o uso da narrativa em segunda pessoa como recurso estilístico ligado às memórias traumáticas dos episódios de racismo cotidiano transforma o ato de narrar numa ferramenta de cura.

Uma possível razão pode ser a intenção de envolver os leitores na história, fazendo com que eles se sintam como a protagonista da narrativa. Ao usar a segunda pessoa, a autora estabelece um vínculo mais íntimo entre o público e a personagem principal, tornando a experiência de leitura mais pessoal e imersiva. Isso pode permitir que eles se identifiquem com os conflitos, emoções e experiências da personagem, promovendo uma maior empatia e compreensão de suas lutas e vivências.

Além disso, ao escrever na segunda pessoa, Adichie também pode estar desafiando as noções tradicionais de narrativa e explorando novas formas de contar histórias. Essa escolha estilística pode ser uma tentativa de quebrar as barreiras entre o narrador e seus leitores, criando uma sensação de proximidade e participação ativa na história. Em suma, o propósito específico de Chimamanda Ngozi Adichie pode variar conforme sua intenção artística e temática do conto. Cabe ao intérprete do texto extrair o significado dessa escolha narrativa dentro do contexto específico do conto em análise.

Ao escrever em segunda pessoa e dar o título “The Thing Around Your Neck”, ela tenciona uma certa inquietação/questionamento tal qual um convite explícito aos leitores a descobrir mais sobre algo que todos nós podemos sentir, em circunstâncias similares. Tamanha a importância do termo citado, que ele se refere tanto ao conto especificamente, quanto dá título ao livro com os demais contos.

“The Thing Around Your Neck” é um livro composto por doze contos e a ordem em que aparecem no livro é a seguinte:

- 1 - *Cell One* - Cela Um
- 2 - *Imitation* - Imitação
- 3 - *A Private Experience* – Uma Experiência Particular
- 4 - *Ghosts* - Fantasmas
- 5 - *On Monday of Last Week* – Na Segunda-Feira da Semana Passada
- 6 - *Jumping Monkey Hill* – Pulo do Macaco
- 7 - *The Thing Around Your Neck* – No Seu Pescoço
- 8 - *The American Embassy* - A Embaixada Americana
- 9 - *The Shivering* – O Tremor
- 10 - *The Arrangers of Marriage* – Os Organizadores de Casamento
- 11 - *Tomorrow Is Too Far* – Amanhã é Muito Distante

12 *The Headstrong Historian* – O Historiador Obstinado

Cada conto oferece uma perspectiva única sobre questões sociais, culturais e políticas, muitas vezes explorando as complexidades da vida na Nigéria e da experiência da diáspora nigeriana. Chimamanda Ngozi Adichie tece essas histórias com sua habilidade característica de narrativa e profundidade emocional, proporcionando aos leitores uma visão abrangente e multifacetada da condição humana, de modo geral, e da condição do povo nigeriano, de modo mais específico.

Outro ponto bastante significativo é que a protagonista e narradora só nos deixa saber dois nomes em todo o conto: o dela própria, Akunna e o de Juan, seu chefe e também imigrante. Tal fato demonstra o foco na experiência individual e o destaque das identidades diaspóricas com quem o leitor deve se identificar mais próxima e empaticamente.

4 TEORIAS PÓS-COLONIAIS E HIBRIDISMO CULTURAL POR HALL E BHABHA

Em “The Thing Around Your Neck”, percebem-se as complexidades e as consequências duradouras do colonialismo na Nigéria e da diáspora nigeriana. Aqui estão alguns temas presentes no conto e recorrentes das vivências do contexto histórico mundial sobre as quais se debruçam as teorias pós-coloniais: experiência da diáspora, negociação de identidade e hibridismo cultural.

O conto apresenta personagens que migraram do seu país de origem, Nigéria, para os Estados Unidos em busca de uma vida melhor. Essa experiência de diáspora é uma consequência direta do colonialismo e das desigualdades econômicas e políticas que persistem nas antigas colônias. A migração forçada ou voluntária é um tema pertinente ao contexto pós-colonial vivenciado e explorado no conto.

Constatemos que no conto a visão que a família de Akunna tinha dos Estados Unidos de lugar onde a vida era melhor, de modernidade e de avanço. Por serem um país considerado desenvolvido, com uma aparente estabilidade econômica, detêm a cultura e o estilo de vida desejados que eles mesmos vendem para o resto do mundo, e a Nigéria, por ser um país negro colonizado por homens brancos, britânicos, sofre a caracterização externa de país inferior, primitivo e economicamente dependente, mesmo depois de tornar-se politicamente independente.

Uma vez que um dos motivos predominantes para que a diáspora ocorresse, no final do século XX e início do século XXI, era o econômico, e os Estados Unidos permanecem como a maior potência econômica do mundo, eles seguem sendo destino provável dessas migrações, sejam legais ou ilegais.

[...] onde você tinha aprendido a falar inglês, se havia casas de verdade na África e se você já tinha visto um carro antes de vir para os Estados Unidos. Olharam boquiabertas para o seu cabelo. Ele fica em pé ou cai quando você solta as tranças? Elas queriam saber. Fica todo em pé? Como? Por quê? Você usa pente? Você sorria de um jeito forçado enquanto elas faziam essas perguntas (ADICHIE, 2017, p. 60).

O comportamento racista das mulheres brancas e americanas no excerto pode ser visto como uma consequência do colonialismo, visto que uma das armas usadas durante tal processo foi a discriminação do colonizado com relação ao colonizador, a ideia de inferioridade da cultura dos colonizados em comparação com a do colonizador, assim como o imperialismo racial que se mantinha através da noção de supremacia branca que ainda fazia com que as mulheres brancas, mesmo sofrendo com a opressão do sexismo, se sentissem no direito de serem opressoras em relação aos homens e mulheres negras (HOOKS, 2014, p. 87).

O comportamento do tio de Akunna que explica a ela que os Estados Unidos tiram muito do sujeito, mas recompensam quem trabalha, parece-nos indicar que, apesar de agir como sujeito sociológico, comer cachorro-quente, se adaptar à cultura estadunidense, ele e sua família se encaixam, na verdade, no conceito de sujeitos pós-modernos (HALL, 2006, p. 11-13), por serem dotados de mais de uma identidade, muitas vezes contraditórias e que estão em constante mudança dependendo do momento vivido.

Em geral, para os imigrantes terem maiores oportunidades nos países que os acolhem é necessário que se esforcem o dobro. Assim, no caso da família de Akunna, enquanto fora de casa o estilo de vida é o estadunidense, dentro de casa, lugar onde não é necessário segui-lo, a cultura de origem, no caso a nigeriana, pode expressar-se sem reservas. Em conjunto à identidade de sujeito pós-moderno, esse contato com a cultura da terra natal que a família do tio de Akunna busca manter dentro de casa é entendido como uma consequência da diáspora contemporânea, visto que a família de seu tio não abdica de sua cultura de origem mesmo precisando se expor, na esfera pública, à cultura na qual está inserida no momento.

A história também ilustra o fenômeno do hibridismo cultural por meio do qual as identidades dos personagens são moldadas pela interseção de múltiplas influências culturais. Elas não são simplesmente nigerianas ou americanas, mas sim uma mistura complexa e

dinâmica de ambas as culturas, refletindo as complexidades da experiência diaspórica pós-colonial.

Diante do exposto, além das implicações sociais e culturais, o conto também pode explorar as consequências psicológicas da negociação identitária para os personagens. Eles podem enfrentar sentimentos de alienação, ansiedade, confusão e até mesmo conflitos internos enquanto tentam encontrar um senso de pertencimento e autenticidade em um contexto culturalmente híbrido.

Ao adentrar nessa perspectiva pós-colonial, Adichie desafia e subverte narrativas colonialistas dominantes ao oferecer um olhar feminino e nigeriano autêntico e multifacetado. Ela destaca as experiências e perspectivas que muitas vezes são marginalizadas ou ignoradas nos discursos dominantes sobre a África e sua diáspora.

A autora também parece questionar, por meio do conto, as estruturas de poder estabelecidas durante o colonialismo e suas consequências contínuas nas sociedades pós-coloniais. Examinando e questionando as relações de poder entre colonizador e colonizado e como essas relações continuam a moldar as dinâmicas sociais, políticas e econômicas na Nigéria.

Para Stuart Hall, o termo "pós-colonial" (2011, p. 103) se refere não apenas à fase histórica que sucede a era colonial, mas também a um processo mais amplo de descolonização que afeta, de modo complexo e distinto, tanto as sociedades colonizadoras quanto as colonizadas. Ele argumenta que, assim como a colonização, a descolonização tem impactos profundos e duradouros em ambas as partes envolvidas, desafiando as noções binárias tradicionais de colonizador *versus* colonizado.

Ao examinar o conceito de pós-colonialismo, é essencial reconhecer a interdependência e interconexão existentes entre as sociedades colonizadoras e colonizadas. O legado do colonialismo continua a exercer influência nas dinâmicas sociais, políticas e culturais ao redor do mundo, o que nos leva a repensar o antigo binarismo colonizador e colonizado. Ao invés disso, é necessário reconhecer as complexidades e ambiguidades das relações pós-coloniais, onde as fronteiras entre dominador e dominado se tornam menos claras. (HALL, 2011, p.103)

O conceito em análise destaca a interdependência e a interconexão entre as sociedades colonizadoras e colonizadas, enfatizando que o legado do colonialismo continua a moldar as dinâmicas sociais, políticas e culturais em todo o mundo. Ele subverte o antigo binarismo de colonizador/colonizado ao reconhecer as complexidades e ambiguidades das relações pós-coloniais, nas quais as fronteiras entre dominador e dominado se tornam menos claras.

Chinua Achebe é um autor cujo trabalho é frequentemente objeto dos estudos pós-coloniais. Ele é referência para o trabalho literário de Chimamanda Adichie devido à sua abordagem crítica às consequências do colonialismo na África. Em sua obra mais conhecida, *O Mundo se Despedaça*, Achebe nos oferece uma visão perspicaz das complexidades do colonialismo e suas implicações pós-coloniais para as sociedades africanas. Convém explicitar que Achebe foi pioneiro em tratar, em sua literatura, de questões diaspóricas resultantes do imperialismo europeu contemporâneo.

Em sua obra, conforme afirmamos, o autor ressalta a importância de valorizar e preservar a cultura e tradições africanas. Através da história de Okonkwo, Achebe retrata a colonização e a imposição da cultura europeia sobre a sociedade *Igbo*, levando à destruição e desequilíbrio social. Enfatiza a necessidade de resistência cultural e o resgate das tradições africanas como forma de resistir à dominação estrangeira. Ele mostra como a perda da identidade cultural leva à alienação, ao conflito interno e ao colapso das estruturas sociais tradicionais.

Em suma, Achebe deixa a lição de que a preservação da cultura, o respeito mútuo e a valorização das tradições são fundamentais para a construção de sociedades mais justas e equilibradas.

O conceito de hibridismo cultural “refere-se à mistura e intersecção de culturas e identidades em contextos pós-coloniais” (BHABHA, 2007, p. 20). Bhabha explica que o hibridismo não apenas desafia noções binárias de identidade, mas também cria novas formas de expressão cultural e subjetividade que transcendem fronteiras fixas e categorias predefinidas.

Nesse contexto, o escritor discute o conceito de *mimicry* (mimetismo), (BHABHA, 1998, p. 134) como uma estratégia de resistência adotada por indivíduos colonizados para imitar e subverter as normas e valores do colonizador. Todavia, ele também destaca a ambivalência inerente ao ato de mimetismo, donde a imitação pode simultaneamente desafiar e reforçar as hierarquias de poder coloniais.

Bhabha argumenta que o colonialismo não é apenas uma prática política e econômica, mas também um sistema de representação e discurso que molda a percepção e a compreensão do colonizado e do colonizador. Ele examina como as narrativas coloniais são construídas e contestadas por meio de diferentes formas de expressão cultural, incluindo literatura, arte e cinema.

Seguindo o seu pensamento, Bhabha também explora o conceito de liminaridade, que se refere a espaços de transição e ambiguidade onde as identidades estão em processo de formação e transformação. Ele afirma que esses espaços liminares são locais de possibilidade

e contestação onde novas formas de identidade e subjetividade podem emergir pela hibridação e negociação cultural.

Portanto, o discurso pós-colonial de Homi K. Bhabha oferece uma abordagem complexa e multidimensional para entender as dinâmicas de poder, identidade e representação na era pós-colonial. Suas teorias têm sido influentes não apenas na academia, mas também na prática crítica e na produção cultural em todo o mundo.

Conforme Ella Shohat:

A relevância do discurso Pós-Colonial, apesar da sua ambiguidade espaço temporal e do prefixo 'pós' estar sugerindo à priori e aparentemente um 'depois', é que ele não se refere ao discurso colonialista depois do fim do colonialismo, como o fizeram os movimentos nacionalistas. Ele evoca os escritos teóricos contemporâneos localizados seja no Primeiro assim como no Terceiro Mundo que tendem a transcender o presumível binarismo da militância do Terceiro mundo" (SHOHAT, 1992, p. 103).

Ao explorar essas intersecções de raça, classe, gênero e nacionalidade, "The Thing Around Your Neck" oferece-nos uma visão rica e multifacetada das experiências dos personagens nesse mundo pós-colonial. O conto destaca as maneiras pelas quais as hierarquias estabelecidas durante o colonialismo continuam a influenciar as vidas das pessoas dentro e fora dos seus países de origem, mesmo após sua independência formal, e como essas intersecções moldam as experiências individuais de cada personagem.

O conto oferece uma exploração rica e quiçá "caleidoscópica" das complexidades da experiência pós-colonial, enquanto destaca as lutas e resiliências dos indivíduos que vivem nesse contexto.

4.1 DIÁSPORA

A diáspora nigeriana refere-se ao fenômeno da dispersão da população da Nigéria pelo mundo, resultado de migrações e deslocamentos voluntários ou forçados. É importante ressaltar que a Nigéria é um país com uma grande diversidade étnica, religiosa e linguística, o que contribuiu e ainda contribui para o fenômeno diaspórico.

A palavra *diáspora*, mobilizada como fonte epistemológica, analisa as movimentações humanas ao redor do globo e especifica interrelações econômica, política e cultural "[...] que constroem o 'comum' entre os distintos componentes de um grupo disperso." (BRAH, 2011, p. 228).

A diáspora que ocorreu da Nigéria para os Estados Unidos pode ser vista como uma resposta às políticas coloniais implementadas durante o domínio britânico no país africano.

Essas políticas muitas vezes, além de desestruturaram comunidades locais, causaram guerras, desigualdades econômicas e sociais e incentivaram a migração em busca de melhores oportunidades de vida.

Mesmo após a independência formal, muitas antigas colônias continuam a enfrentar desigualdades econômicas e políticas que incentivam a migração. No conto, essa busca por uma vida melhor nos Estados Unidos é impulsionada pelas oportunidades percebidas no exterior, destacando como as desigualdades persistentes moldam as escolhas das personagens.

As personagens do conto enfrentam o desafio de se adaptar a uma nova cultura e ambiente, enquanto também tentam manter suas identidades e conexões com a terra natal. Esse processo de negociação identitária é uma experiência comum entre esses imigrantes.

Wole Soyinka, por exemplo, ganhador do Prêmio Nobel de Literatura em 1986 e um dos autores mais renomados da Nigéria, conhecido por sua peça teatral “A dança da Floresta” (SOYINKA, W, 1981), por seus poemas e ensaios que refletem sobre a questão da identidade e da política, aborda em sua peça a diáspora africana de maneira profunda, simbólica, em que o divino se materializa na floresta e os personagens recorrem a ela em busca de respostas e desejos para o futuro. A identidade é retratada como algo fluido e não estanque, refletindo a complexidade da experiência africana e sua relação com o passado e o presente.

A diáspora que ocorreu da Nigéria para os Estados Unidos pode ser vista como uma resposta às políticas coloniais implementadas durante o domínio britânico no país africano. Essas políticas muitas vezes, além de desestruturaram comunidades locais, causaram guerras, desigualdades econômicas e sociais e incentivaram a migração em busca de melhores oportunidades de vida.

Mesmo após a independência formal, muitas antigas colônias continuam a enfrentar desigualdades econômicas e políticas que incentivam a migração. No conto, essa busca por uma vida melhor nos Estados Unidos é impulsionada pelas oportunidades percebidas no exterior, destacando como as desigualdades persistentes moldam as escolhas das personagens.

As personagens do conto enfrentam o desafio de se adaptar a uma nova cultura e ambiente, enquanto também tentam manter suas identidades e conexões com a terra natal. Esse processo de negociação identitária é uma experiência comum entre esses imigrantes.

Buscando explicar a filosofia fundamentada na diáspora africana, associamos à figura do Oceano Atlântico um tráfego permeado pela violência e pelo controle de populações. Tal associação propõe a reflexão acerca do sentido e dos afetos daquelas pessoas que nascem em diáspora, pois entendemos a migração forçada como produção de corpos deslocados ou, ampliando uma expressão de Grada Kilomba (2017, p. 62), “corpos fora do lugar”.

Destarte, o termo “corpos fora do lugar” é aqui utilizado com o intuito de opor-se à noção de “entre-lugar”, pois, conforme análise de Stuart Hall (2009, p. 109), nessa definição entende-se a diáspora funcionando como uma “utopia da diferença”, em que o “Outro” seria como “uma posição marcada de forma diferencial dentro da cadeia discursiva” e não sofreria interferências da mobilidade do tempo e do espaço. Já o “fora do lugar” destaca um modo de ser em contínua construção e sem uma determinação local, porque, a cada momento, requer um conflito perante a situação de ser outrem. Essa condição pode ser exemplificada por meio da resposta da socióloga Avtar Brah (2011) ao questionamento de um estadunidense se o pertencimento geográfico da autora seria Uganda ou Índia:

Em princípio esta pergunta me parecia absurda. Acaso não via que eu era *ambas* as coisas? Uganda era meu lugar, tinha passaporte ugandês. Ali teria passado toda a minha vida, à exceção dos meus cinco primeiros anos [...]. “Sou uma ugandesa com ascendência indiana”, contestei. Pareceu satisfeito com minha resposta. Mas eu não podia *ver* que eu fui ambas as coisas. O corpo que se encontrava diante do meu interlocutor já estava classificado dentro das relações sociais, atravessadas pelo gênero, do sanduíche colonial [*sandwich colonial*]. Eu não podia simplesmente *ser*. (BRAH, 2011, p. 24-25, grifos nossos).

Analisar a diáspora a partir da perspectiva de Avtar Brah (2011), socióloga britânica, oferece diversas perspectivas sobre as experiências das personagens em "The Thing Around Your Neck" e sua relação com esse mundo pós-colonial. De acordo com Brah, a diáspora não é apenas um fenômeno de deslocamento físico, mas também envolve uma ruptura profunda e uma perda de conexão com a cultura de origem do ser disperso ou difuso, um ser que se transmuta e passa a ser multiforme.

Além das implicações econômicas, sociais e tantas outras, também há a exploração das consequências emocionais da diáspora. O conto ultrapassa as barreiras e impedimentos físicos e sociais, inquirindo também os impactos mentais dessa diáspora. Neste sentido, convém explicar que as personagens no conto enfrentam sentimento de perda, alienação e saudade enquanto tentam se ajustar a uma nova vida longe de casa. Vislumbramos, pois, problemas psicológicos nas personagens que nos oferecem informações valiosas sobre a complexidade da diáspora pós-colonial.

No âmbito negro-diaspórico representado na narrativa, mulheres negras, enquanto base da pirâmide social, são sempre aquelas que mais trabalham e menos ganham. Isso adensa-se, uma vez que, estando num contexto de país dito desenvolvido, as violências e subalternizações sofridas reproduzem, para a personagem, condições de vida similares àsquelas das quais buscou escapar.

Os imigrantes nigerianos neste conto enfrentam desafios ao negociar sua identidade dentro do contexto em que vivem. Veem-se divididos entre suas raízes nigerianas e as influências da cultura estadunidense, o que reflete a interseção de múltiplas identidades neste mundo pós-colonial. Existe na história uma forte tensão cultural – fonte do conflito e ambiguidade que as personagens vivem – que explicita, portanto, a negociação identitária que vivenciam.

Quem é imigrante sente uma pressão social para assimilar e se conformar aos padrões da cultura dominante, o que pode levar à supressão ou negação de suas próprias identidades culturais. Essa opressão para se conformar é especialmente intensa para os imigrantes que desejam ser aceitos e bem-sucedidos nesse novo ambiente.

Não obstante as coações para assimilar a outra cultura, alguns personagens resistem ativamente à perda de sua identidade cultural e lutam para manter suas raízes nigerianas vivas e relevantes em sua vida nos Estados Unidos. Eles encontram maneiras criativas e resistentes de se conectar com sua cultura de origem, seja através da comida, da música, da religião ou de outras formas de expressão cultural.

Apesar do tio mostrar à Akunna que ela deveria se adaptar aos comentários maldosos e ao tipo de cultura dos americanos, em sua residência, seu tio e família ainda se comunicavam em *igbo* e preservavam suas origens culturais na esfera doméstica.

O sujeito pós-moderno de Stuart Hall é uma abordagem teórica que questiona as concepções tradicionais de identidade e subjetividade. Segundo Hall, o sujeito pós-moderno é caracterizado pela fragmentação e diversidade de identidades, influenciado pela globalização, tecnologia e mudanças sociais. Este sujeito é visto como fluido, instável e em constante transformação, não sendo limitado por categorias fixas como raça, classe ou gênero. Ao invés disso, ele é capaz de assumir múltiplas identidades e posicionamentos, navegando entre diferentes culturas e contextos.

Para Hall, o sujeito pós-moderno é reflexivo e consciente da construção social de sua identidade, aberto a novas experiências e perspectivas. Esse conceito desafia as noções tradicionais de identidade e individualidade, sugerindo uma compreensão mais complexa e dinâmica do sujeito na sociedade contemporânea.

Tanto o tio e sua família quanto Akunna enquadram-se nessa compreensão de pós-modernidade, mas, enquanto a experiência dos primeiros na conciliação de suas origens culturais ao novo ambiente e à nova cultura parece bem-sucedida e satisfatória, Akunna, vítima do abuso do tio, passa a viver mais intensamente o lado sombrio dessa pós-modernidade, empobrecendo tanto econômica quanto simbólica/afetivamente de referências culturais

originárias que lhe permitam a construção de um equilíbrio interno. Sua hibridização cultural torna-se um processo doloroso, uma pressão sobre o seu pescoço que parece projetá-la com ainda mais teimosia à preservação dos valores e sabores da terra natal, como um mecanismo de defesa de tudo aquilo que, assim como tio, quer impor-se sobre a sua individualidade.

4.2 AKUNNA - QUESTÃO IDENTITÁRIA

A jornada de Akunna em “The Thing Around Your Neck” é um retrato vívido dos conflitos de identidade que muitos imigrantes enfrentam ao perseguir o sonho de uma vida melhor em outro país. A personagem, assim como muitos outros nigerianos, é confrontada com a difícil decisão de deixar sua terra natal e sua família para buscar oportunidades melhores nos Estados Unidos. No entanto, essa busca por uma vida melhor no exterior vem acompanhada de desafios que testam profundamente sua noção de identidade e pertencimento.

Ao deixar para trás tudo o que ama e tudo o que a define em sua terra natal - sua família, sua cultura, suas tradições - Akunna se encontra em um território desconhecido onde suas referências e valores são constantemente questionados e desafiados. Vê-se confrontada com uma nova realidade cultural e social em que as expectativas e as normas são radicalmente diferentes daquelas com que está acostumada. Esse choque cultural desencadeia uma crise de identidade por meio da qual Akunna se divide entre suas raízes nigerianas e a necessidade de se adaptar e assimilar a cultura estadunidense para ter sucesso.

Diante deste contexto, constatamos que o mundo da personagem parece ruir. Destarte, ela consegue perceber que não gosta da vida que tem e por isso não deixa morrer dentro de si a nigeriana que é. A todo tempo Akunna questiona e critica o jeito de ser dos estadunidenses.

O maior problema sofrido pela personagem principal é o conflito entre sua identidade nigeriana e a adaptação à cultura estadunidense. Ela vislumbra essa divisão entre os seus valores e as tradições de sua terra natal, as expectativas e coações do estilo de vida local. Esta batalha intermitente e interna afeta todas as áreas de sua vida, desde relacionamentos pessoais até sua carreira e autoestima. Akunna é forçada a enfrentar a pergunta de como conciliar sua herança cultural com o desejo de sucesso e aceitação em um ambiente estrangeiro desgostoso.

Além disso, a protagonista em momento algum esquece quem realmente é. Ela está a todo momento analisando a sociedade estadunidense em que vive e a confrontando com o sua vida anterior na Nigéria. Nesta luta diária e interior, Akunna jamais se deixa dominar pelo estilo de vida americano. Apesar do seu sofrimento diário e noturno, a personagem consegue a proeza de permanecer irretocável ao que lhe cerca, apesar de todo sofrimento calado.

A citação abaixo encapsula a luta interna que nossa personagem principal enfrenta ao tentar equilibrar sua conexão com a herança nigeriana e a necessidade de se adaptar à nova cultura. Ela expressa o desejo de manter sua identidade e raízes intactas, como no exemplo abaixo:

Ele não comia carne porque achava errado o método com o qual matavam animais; dizia que, por causa do método, toxinas do medo eram despejadas na corrente sanguínea dos animais e que essas toxinas deixavam as pessoas paranoicas. Na Nigéria, os pedaços de carne que você comia, quando havia carne, eram do tamanho da metade de um dedo. **Mas você não contou isso para ele. Também não contou os cubos de *dawadawa* que sua mãe colocava em tudo que cozinhava, pois curry e tomilho eram caros demais, continham glutamato monossódico, eram glutamato monossódico.** Ele dizia que glutamato monossódico causava câncer, e que por isso gostava do do Chang's [...] (Grifos nossos) (ADICHIE, 2017, p. 134). (Grifos nossos).

Na passagem acima, percebemos que Akunna não se incomoda com os gostos do namorado, tampouco se sente influenciada pelos pensamentos do namorado americano, ela apenas preserva consigo sua vida, experiências e costumes da Nigéria. Logo abaixo, teremos a oportunidade de analisar os sentimentos da protagonista para com seus semelhantes, em contradição às mulheres e homens brancos.

Você soube que finalmente estava confortável quando contou para ele que assistia a *Jeopardy* na televisão do restaurante e torcia para as seguintes categorias, nessa ordem: mulheres negras, homens negros e mulheres brancas, e homens brancos por último – o que significava que nunca torcia para os homens brancos. [omissis] (ADICHIE, 2017, p. 132). (Grifamos).

A personagem principal também reconhece as pressões e conflitos que surgem ao tentar encontrar um lugar nesta sociedade da qual sente não fazer parte. Neste trecho, a protagonista revela seus sentimentos e preferências em relação às diferentes categorias de gênero e raça. Ela expressa sua preferência primeiro pelas mulheres negras, depois pelos homens negros, mulheres brancas, colocando os homens brancos em último lugar.

Essa preferência pode ser explicada por questões de identificação racial, experiências pessoais de discriminação ou injustiça racial. Suas preferências são condizentes exatamente com quem ela é, parece-nos um espelho em mil pedaços mas onde Akunna ainda consegue se enxergar. Essa atitude da protagonista também mostra como as relações entre diferentes grupos étnicos e raciais são complexas e podem influenciar as percepções e interações interpessoais. É importante notar que essa preferência não necessariamente reflete uma visão unânime, mas sim a perspectiva da protagonista neste contexto específico.

Ninguém sabia onde você estava, pois você não contou. Às vezes, você se sentia invisível e tentava atravessar a parede entre o seu quarto e o corredor e, quando batia na parede, ficava com manchas roxas nos braços. Certa vez, Juan perguntou se você tinha um namorado violento, pois ele daria um jeito nele, e você deu uma risada misteriosa.

À noite, algo se enroscava no seu pescoço, algo que por muito pouco não lhe sufocava antes de você cair no sono. (ADICHIE, 2017, p. 120). (Grifos nossos).

Convencemo-nos que essa é uma das principais passagens do conto em análise, Akunna sente que falha com sua família ao não conseguir ter melhores condições de vida (como pensavam seus familiares) e por isso se fecha num casulo, vive num mundo presa dentro de si mesma, à noite luta consigo mesma e literalmente se machuca fisicamente ao se debater nas paredes do quarto, porque não consegue externar sua dor, não pode, precisa continuar a viver naquele país, naquela vida que não sente sua. Em seus pensamentos não existe o desistir, existe apenas o lutar um dia após o outro.

Contudo, a descrição de sua invisibilidade emocional e física, simbolizada pelas manchas roxas a descrição de sua invisibilidade emocional e física, caracterizada pelos hematomas em seus braços após tentar atravessar a parede, sugere uma luta interna intensa e uma sensação de desconexão com o mundo ao seu redor. A preocupação de Juan com a possibilidade de um namorado violento revela a percepção externa de sua dor, enquanto a risada misteriosa de Akunna sugere uma complexidade emocional e uma resistência em revelar sua verdadeira angústia.

A imagem de algo que se enroscava em seu pescoço à noite, quase sufocando-a, é uma metáfora da opressão e do peso emocional que Akunna carrega. Sua luta para sobreviver em um ambiente que não a acolhe, onde se sente estrangeira e sem voz, é palpável na narrativa. A solidão, a falta de pertencimento e a incapacidade de compartilhar sua dor com os outros são temas centrais que permeiam a experiência de Akunna.

A análise proposta destaca a complexidade psicológica e emocional do sujeito pós-colonial, da luta silenciosa e da personagem e da opressão que a envolve. A narrativa também desvela as camadas de sofrimento, resistência e solidão que Akunna enfrenta, como sujeito diaspórico e culturalmente híbrido, oferecendo-nos uma reflexão sobre sua questão identitária, de não pertencimento e supressão emocional.

A raça desempenha um papel importante na forma como os personagens são percebidos e tratados na sociedade, tanto na Nigéria quanto nos Estados Unidos. A cor da pele dos personagens pode influenciar suas oportunidades de emprego, acesso à educação e interações sociais, refletindo as hierarquias raciais estabelecidas durante todo o período em que perdurou a escravização perpetuada na sociedade contemporânea.

As experiências vividas por Akunna são moldadas por sua identidade de gênero e étnico-racial. Observemos que, em “The Thing Around Your Neck”, ela vivencia uma clara discriminação racial quando ao se candidatar ao primeiro emprego (operadora de caixa).

[...] Olharam boquiabertas para o seu cabelo. Ele fica em pé ou cai quando você solta as tranças? Eles queriam saber. Fica tudo em pé? Como? Por quê? Você usa pente? Você sorria de um jeito forçado enquanto elas faziam essas perguntas. (ADICHIE, 2017, p. 126).

Vejamos na próxima citação que o imigrante Juan não paga Akunna como os demais funcionários:

[...] Juan, tinha cabelos negros retintos e sorriu, mostrando um dente de ouro. Disse que nunca tinha tido um funcionário da Nigéria, mas que todos os imigrantes trabalhavam duro. Ele sabia bem, pois já tinha estado naquela situação. Disse que lhe pagaria 1 (um) dólar a menos, mas por fora; não gostava de todos aqueles impostos que lhe obrigavam a pagar. (ADICHIE, 2017, p. 127).

A personagem principal enfrenta discriminação étnico-racial e desigualdade de gênero tanto nos Estados Unidos quanto na Nigéria, refletindo as estruturas patriarcais estabelecidas durante o período colonial. A intersecção de raça, classe e gênero cria desafios únicos para as mulheres imigrantes nigerianas no conto, tanto para Akunna, quanto para as demais. Extrapolando as páginas deste trabalho, cremos que todas as mulheres possuem uma Akunna dentro de si.

A nacionalidade das personagens também influencia suas experiências e identidades. Elas podem ser percebidas como estrangeiras ou *outsiders* nos Estados Unidos, enfrentando estereótipos e preconceitos baseados em sua nacionalidade. Ao mesmo tempo, sua identidade nigeriana continua a moldar sua visão de si mesma e seu lugar no mundo, destacando as complexidades da identidade nacional neste contexto pós-colonial.

[...] Então ele contou como seus vizinhos comentaram, alguns meses depois que ele se mudou, que os esquilos haviam começado a desaparecer naquela área. Disseram que tinham ouvido falar que os africanos comiam todo tipo de animal selvagem. Você ria com seu tio e se sentia à vontade na casa dele, a esposa dele a chamava de *nwanne*, irmã, e seus dois filhos em idade escolar a chamavam de “titia”. Eles falavam *igbo* e comiam *garri* de almoço, e era como estar em casa.” (ADICHIE, 2017, p. 128 e 129).

Observemos um exemplo de que Akunna está vivendo dentro do hibridismo cultural, conforme Bhaba nos ensina.

Algumas semanas depois, no entanto, quis escrever, pois tinha histórias para contar. Quis escrever sobre a surpreendente franqueza das pessoas no Estados Unidos. [...] Quis escrever sobre as pessoas ricas que usavam roupas esfarrapadas e tênis puídos, que pareciam os vigias noturnos das grandes propriedades de Lagos. Quis escrever que os americanos ricos eram magros e os pobres, gordos, e que muitos não tinham uma casa e um carro grandes; mas você ainda não sabia se tinham armas, pois podiam estar com elas escondidas dentro dos bolsos. (ADICHIE, 2017, p.128 e 129).

Sua identidade está se esfacelando e, mesmo nesta crise de identidade, Akunna ainda consegue manter-se sã, apesar psiquicamente abalada. Stuart Hall discute a identidade esfacelada do sujeito diaspórico e sua psiquê em seu artigo "Cultural Identity and Diaspora" (Identidade Cultural e Diáspora). Ele afirma que "o sujeito diaspórico é inevitavelmente atravessado por diferentes culturas, histórias e memórias, o que resulta em uma identidade esfacelada" (Hall, 1994, p. 392). Essa diversidade cultural e a falta de uma identidade fixa são características comuns da experiência diaspórica.

A personagem principal, como uma pessoa diaspórica, está constantemente negociando sua identidade entre sua cultura de origem e a cultura dominante em seu novo ambiente. Ela vive em um estado de constante hibridização cultural em que suas várias identidades se sobrepõem e se entrelaçam.

A importância - e a confusão - de colocar o "olhar" para fora da insinuação da identidade individual é que isso enfatiza o fato de que a posição do sujeito humano não é nem Dentro (psique), nem Fora (no mundo social). A identidade é um ato inter-subjetivo e performativo que refuta a divisão entre público/privado e entre consciência psíquica/consciência social. A identidade não é um self dado à consciência, mas um "tomar-consciência" do self por meio de uma alteridade simbólica - linguagem, o sistema social, o inconsciente" (BHABHA, 1996, p. 206).

Em suma, podemos concluir, a partir das conceituações de Hall e de Bhabha, que Akunna possui uma identidade esfacelada como consequência de sua experiência diaspórica, que a fragmentação de sua identidade afeta sua psiquê, resultando em um senso de deslocamento, alienação e angústia emocional.

4.2.1 OLHOS COR DE OLIVA

Akunna conhece um rapaz loiro e muito bonito. Inicialmente ela tenta fugir, mas ao poucos ela cede, afinal ele tinha olhos cor de oliva.

Quando seu turno acabou naquela noite, ele estava esperando do lado de fora, com fones enfiados nos ouvidos, pedindo que você saísse com ele porque seu nome rimava com *hakuna matata* e *O Rei Leão* era o único filme sentimental do qual já tinha gostado na vida. Você não sabia o que era *O Rei Leão*. Olhou para ele sob a luz forte e notou que seus olhos eram da cor de azeite extra virgem, um dourado

esverdeado. Azeite extra virgem era a única coisa que você amava, de verdade, nos Estados Unidos. (ADICHIE, 2017, p. 131)

A dinâmica entre Akunna e seu namorado estadunidense no conto “The Thing Around Your Neck” oferece uma perspectiva reveladora sobre a complexidade das relações interculturais e os desafios enfrentados por indivíduos que tentam conciliar diferentes identidades culturais. Embora ele possa inicialmente parecer simpático à sua identidade nigeriana, uma análise mais aprofundada pode revelar que ele, na verdade, tenta moldá-la à sua própria imagem e semelhança. Seria o conquistador buscando moldar “o conquistado” à sua maneira?

Entendeu que, na vida que ele levava, era possível comprar presentes que eram *só* presentes e mais nada, nada de útil. Quando ele começou a comprar sapatos, roupas e livros para lhe dar, você pediu a ele que não fizesse mais isso, disse que não queria presente nenhum. Ele continuou a compra-los e você os guardou para dar para seus primos, seus tios e suas tias, quando, um dia, pudesse ir visitá-los, embora não soubesse como poderia um dia comprar uma passagem e pagar o aluguel. Ele disse que queria muito conhecer a Nigéria e podia comprar passagens para vocês dois. Você não queria que ele pagasse para você visitar seu próprio país. Não queria que ele fosse a Nigéria, que a acrescentasse a lista de países que ele visitava para admirar-se com as vidas dos pobres que jamais poderiam admirar a vida *dele*. (ADICHIE, 2017, p. 135)

Existem teorias que descrevem essa representação do imperialismo como um homem que tenta “salvar” a protagonista africana que é chamada de “teoria do salvador branco” ou “complexo do salvador branco”. O principal teórico que aborda essa teoria é o crítico literário e teórico pós-colonial Edward Said, em seu livro *Orientalismo*.

Todavia, não podemos deixar de mencionar Rudyard Kipling pois ambos abordam o conceito do “complexo do salvador branco”, que se refere à ideia de que indivíduos ocidentais têm o dever ou a responsabilidade de “salvar” povos não-ocidentais ou “civilizá-los” em nome de uma suposta superioridade cultural ou moral.

Kipling, em seu poema “O Ônus do Homem Branco” (The White Man's Burden), publicado em 1899, defende a ideia de que os povos europeus têm a obrigação de guiar e ajudar as “raças mais primitivas” a se desenvolverem e alcançarem a civilização ocidental. Ele descreve os povos colonizados como sendo incapazes de se autogovernar e argumenta que o fardo de civilizar os outros é uma missão pesada, mas necessária.

Por outro lado, Edward Said critica fortemente essa visão e o próprio conceito do salvador branco. Em seu livro “Orientalismo”, publicado em 1978, Said argumenta que o ocidente construiu uma imagem estereotipada e simplificada dos povos orientais, baseada em

preconceitos e interesses políticos e econômicos. Ele afirma que essa construção ocidental de "orientalismo" serve para justificar a dominação e exploração dos povos não-ocidentais.

A divergência entre os dois pensadores está na percepção de como o complexo do salvador branco é problemático. Kipling o vê como uma missão nobre e necessária, enquanto Said o critica como uma forma de dominação e hegemonia ocidental.

Said argumenta que o orientalismo, como uma forma de conhecimento sobre o Oriente construída pelo Ocidente, é motivado pelo desejo de dominar e controlar o "outro" oriental. Essa visão orientalista, segundo Said, é uma forma de exercício de poder e dominação em que o Ocidente se coloca como superior e salvador dos povos orientais. "O complexo do salvador branco é uma das formas mais antigas e persistentes do orientalismo, e pode ser visto como uma das suas principais características." (SAID, 2007, p. 242).

Essa tentativa de modificar sua parceira reflete uma forma sutil de colonialismo cultural, pois as normas e valores da cultura dominante são impostos aos indivíduos de outras culturas, muitas vezes em detrimento de sua própria identidade e autonomia. O namorado de Akunna, ao esperar que ela se adapte completamente à sociedade estadunidense e renuncie às suas próprias tradições e valores, está efetivamente negando a validade de sua identidade nigeriana e impondo uma visão unidimensional e estereotipada sobre quem ela quer e deve ser.

O conhecimento sobre outras culturas que o namorado de Akunna demonstra ter, assim como fato de ter olhos da cor da única coisa que ela gostava naquele lugar, o azeite de oliva, e o fato de não a fazer sentir-se invisível exercem um encanto sobre ela. Ao longo do relacionamento, porém, é perceptível a tentativa sutil de dominação e de desintegração da identidade cultural da protagonista por parte dele. A desintegração cultural, segundo Hall (2006), acontece por conta da tentativa de homogeneizar as diferentes culturas, restando, porém, ainda, uma cultura que tenta se sobressair.

Essa tentativa de assimilação também reflete desequilíbrios de poder subjacentes na relação entre a protagonista e seu namorado. Como uma imigrante nigeriana nos Estados Unidos, ela está em uma posição de vulnerabilidade, sujeita a pressões e expectativas que muitas vezes são impostas a ela pelo contexto dominante em que se encontra. O namorado, por sua vez, exerce poder e influência sobre ela, aproveitando-se de sua posição de privilégio dentro da sociedade americana para impor suas próprias ideias e valores.

Observamos rachaduras num relacionamento fadado ao fracasso quando o homem desconsidera totalmente a posição de sua namorada/companheira como igual. Confirmemos com a passagem do conto em que o namorado de Akunna não se incomoda em devidamente assumi-la:

Mais tarde, contou para ele por que estava chateada, dizendo que, apesar de vocês irem ao Chang's juntos com tanta frequência, apesar de terem se beijado logo antes de o garçom trazer os cardápios, aquele chinês presumiu ser impossível que você fosse namorada dele, e ele apenas sorriu, sem dizer nada. Antes de pedir desculpas, ele olhou para você com uma expressão vaga, e você soube que ele não tinha entendido. (ADICHIE, 2017, p. 134)

Em outro momento, constatamos o sentimento da protagonista diante do seu relacionamento.

Pela reação das pessoas, você sabia que vocês dois eram **anormais** - o jeito como os grosseiros eram grosseiros demais e os simpáticos, simpáticos demais. As velhas e os velhos brancos que murmuravam e o encaravam, os homens negros que balançavam a cabeça para você, as mulheres negras com pena nos olhos, lamentando sua falta de autoestima, seu desprezo por si mesma. Ou as mulheres negras que davam sorrisos rápidos de solidariedade; os homens negros que se esforçavam demais para perdoar você, dizendo oi para ele de maneira excessivamente óbvia; os homens e mulheres brancos que diziam "Que casal bonito" num tom alegre demais, alto demais, como se quisessem provar para si próprios que tinham a mente aberta. (ADICHIE, 2017, p. 136) (Grifamos).

Todavia, Akunna não se deixa abalar, ela não cede aos caprichos do seu namorado. A personagem não é vítima, ao contrário, sua personalidade pode ser percebida como ativa e forte desde a primeira página do conto. As decisões que toma são unicamente suas: falar ou calar para Akunna é um ato totalmente consciente. Aliás, todas as suas atitudes o são. Ela escolhe o que quer para si, ninguém mais.

4.3 DESCONSTRUÇÃO DO SONHO AMERICANO

O história do sonho americano remonta ao século XVII, quando um grupo de puritanos ingleses, conhecidos como os Peregrinos, embarcou no navio *Mayflower* em busca de liberdade religiosa. Eles chegaram à América em 1620 e estabeleceram a colônia de *Plymouth*, em *Massachusetts*. Durante seu primeiro inverno na América, os Peregrinos enfrentaram condições extremamente difíceis, com muitos deles morrendo de fome e doenças. No entanto, com a ajuda dos nativos americanos, eles conseguiram sobreviver e construir uma comunidade próspera.

Uma das histórias mais famosas dos Peregrinos é a do encontro deles com os nativos americanos, que resultou no famoso banquete de Ação de Graças. Neste evento, os colonos e os nativos se reuniram para celebrar a colheita bem-sucedida e dar graças pela ajuda mútua.

Os Peregrinos escolheram uma colina sobre a qual estabelecer sua colônia e nesta ocasião o pastor John Winthrop proferiu seu famoso sermão citando a “cidade sobre a colina” das Escrituras, sinalizando o excepcionalismo que seria uma ideia fundadora da identidade

nacional estadunidense. Eles acreditavam que estavam construindo uma cidade sobre um monte, uma referência bíblica ao sermão do Monte das Bem-Aventuranças de Jesus Cristo. Essa ideia de construir uma comunidade religiosa e moralmente exemplar influenciou profundamente a cultura e a política dos Estados Unidos, pois eles se consideravam o povo escolhido por Deus. Assim, a história dos Peregrinos é uma parte essencial da fundação da nação e continua a ser lembrada e celebrada até os dias de hoje.

Essa crença no excepcionalismo estadunidense se desenvolveu e fortaleceu ao longo da história até o século XX, em que o historiador James Adams cunhou o termo “sonho americano”, durante a Grande Depressão, em 1931, para descrever essa fé nacional na sua própria missão de servir de modelo de democracia e liberdade ao resto do mundo. Embora ainda compreenda uma série de possibilidades interpretativas individuais (pode-se definir um cidadão estadunidense pela ideia pessoal de sonho americano que cultiva), o termo foi sendo cada vez mais associado a e cristalizado como sinônimo de prosperidade econômica, riqueza material, e os EUA, como a terra dessas oportunidades.

Retornando ao conto, pode-se dizer que, apesar de forte, Akunna é acostumada a aceitar o que a vida lhe reserva e, em sendo assim, vislumbramos no conto uma desconstrução do sonho americano. A bem da verdade, ao lermos e relermos o conto, percebemos que não foi a protagonista quem colocou seu nome na loteria do *greencard*, ela apenas aceitou o fato de que ganhou. Talvez pela sua personalidade contida, ela aceita a algazarra que seus primos e sua família fazem e isso em nada a abala ou intimida. Ela apenas cresceu dentro dessa sociedade machista e patriarcal aceitando o que a vida lhe reservava, dentro dos seus limites.

Inicialmente, há a tentativa de abuso pelo suposto tio que a obriga a sair da casa em que vive e pegar o primeiro ônibus, parando em Connecticut. A partir deste momento a vida de Akunna muda totalmente e ela enfrenta uma série de desafios e dificuldades que contradizem com as expectativas associadas ao sonho da maioria que vai para os Estados Unidos buscando melhores condições de vida.

Na verdade, a personagem principal não se vê pertencente àquele lugar, ela sequer gosta de estar ali. Enfrenta problemas relacionados à sua identidade cultural, discriminação racial e barreiras linguísticas. Lida com dificuldades financeiras, falta de oportunidades de emprego qualificado e falta de suporte social. Essas experiências desmistificam a ideia de que qualquer pessoa pode alcançar sucesso e prosperidade nos Estados Unidos, independentemente de suas origens ou circunstâncias.

Ademais, o romance frisa bem a falta de igualdade e oportunidades para imigrantes e minorias étnicas, revelando como o devaneio estadunidense muitas vezes é inacessível para aqueles que não estão dentro de um conjunto privilegiado de circunstâncias.

O teórico Homi K. Bhabha fala sobre a desconstrução do sonho americano numa análise pós-colonial. Ele argumenta que esta ilusão é construída a partir de uma narrativa dominante que ignora a experiência das minorias marginalizadas, perpetuando assim relações coloniais de poder. Bhabha analisa como esta utopia é construída sobre o ideal da "inclusão seletiva", alguns poucos são incluídos enquanto outros são excluídos. O teórico também examina como o sonho americano é baseado em uma visão idealizada da assimilação cultural, ocultando assim a violência subjacente à colonização e aos processos de imigração. Em sua análise, ele busca desconstruir essa narrativa dominante e trazer à tona as vozes e experiências dos segmentos excluídos, desafiando assim a visão hegemônica do sonho americano. Para referenciar as ideias apresentadas nesta síntese, elas estão fundamentadas nas obras de Bhabha sobre os estudos pós-coloniais e teoria cultural, oferecendo uma análise crítica do "sonho estadunidense" e das narrativas de inclusão seletiva e assimilação cultural.

Apesar de em vários sentidos viver o que podemos chamar do “pesadelo americano”, é importante afirmar que Akunna não desiste, não se deixa abater, ela continua, ela luta e é ela quem decide sobre sua vida. O seu silêncio não significa obediência ou concordância. A protagonista decide quando fala e fala quando quer. Isto posto, Michelle Perrot, historiadora das mulheres, resalta sobre os primórdios deste e de outros silêncios que: “[...] No início era o Verbo, mas o Verbo era Deus, e Homem. O silêncio é o comum das mulheres. Ele convém à sua posição secundária e subordinada. “[...] O silêncio é um mandamento reiterado através dos séculos pelas religiões, pelos sistemas políticos e pelos manuais de comportamento. (PERROT, 2005, p. 9).”

Portanto, a desconstrução do sonho estadunidense vivido por Akunna destaca as contradições e desigualdades inerentes ao ideal dessa ilusão, mostrando como nem todos têm as mesmas chances de sucesso e realização nos Estados Unidos. Seu silêncio denota descontentamento, não é calado, ele dá corpo e informa muito sobre essa personagem.

A vivência da solidão e a falta de uma rede de apoio durante esses momentos, combinadas com a sensação de não pertencimento, são fatores que comprometem Akunna e a fazem questionar a própria vida, como tantas outras mulheres também fazem. Conforme declara Evaristo (EVARISTO, 2008, P. 67).

Quando se está longe da terra conhecida, às vezes, basta aguçar certos sentidos para experimentar o gozo da invenção do retorno. Quando a terra desejada é desconhecida, pode-se perder nos incógnitos caminhos, mas nunca deixar esmorecer o desejo da viagem. (EVARISTO, Conceição. 2008, p. 67)

A conturbada estadia nos Estados Unidos não apaga a presença da Nigéria na vida da protagonista. Constantes tensões são criadas entre diferentes culturas que atravessam seu corpo negro, alimentando ora a consideração de retornar, ora fornecendo motivos para permanecer. Em ambos os casos, a sua sobrevivência está em pauta. Como superar tantos traumas, como a dor sentida da saudade, a sensação de vazio e de não pertencimento. Uma luta constante e infindável consigo mesma e com esse país que não lhe pertence. Como vencer o silêncio e ser feliz. Como voltar para o seu lar e contar que não venceu o sonho que nem era seu e sim dos seus?

Akunna decide escrever...

Finalmente, você escreveu para casa. Era uma carta curta para seus pais, enfiada no meio das notas novas de dólar, e você escreveu seu endereço. Recebeu uma resposta poucos dias mais tarde, enviada pelo meio de entrega mais rápida. Sua mãe escreveu a carta ela própria; você soube pela letra fina, pela ortografia errada. Seu pai estava morto; simplesmente caiu sobre o volante do carro da empresa. Há cinco meses, escreveu ela. Eles tinham usado parte do dinheiro que ela enviara para dar a ele um bom funeral; mataram um bode para os convidados do velório e compraram um bom caixão. Você se enroscou na cama, apertou os joelhos contra o peito e tentou lembrar o que estava fazendo quando seu pai morreu, o que tinha feito durante todos aqueles meses em que ele já estava morto. Talvez seu pai tivesse morrido no dia em que você sentiu calafrios pelo corpo todo, ficando com os pelos duros como grãos de arroz crus, sem saber explicar por quê [...] (ADICHIE, 2017, p. 138).

Esse é o momento decisivo para a protagonista, quando recebe a carta de sua mãe informando sobre a morte do seu pai. Ao se questionar sobre o que deveria estar fazendo no momento de sua morte, Akunna perpassa sua trajetória naquele mundo novo, estranho, do qual não faz parte. Ela, apesar das tentativas do namorado, não hesita em dizer que precisa voltar para a Nigéria e mais que isso, sozinha. Se resguardando, como de costume, ao silêncio de dizer-lhe e nos dizer (leitores) se voltará. É possível inferir que a ignorância dos particulares da morte do pai e a consideração da possibilidade de submissão a algo em que não acreditava levaram-na a reconhecer que sua identidade estava se perdendo. Para recuperá-la, decide voltar à Nigéria, onde moravam seus amigos e família, deixando para trás todos os questionamentos e comportamentos racistas, bem como quaisquer relacionamentos abusivos que tentassem mudá-la ou moldá-la.

Você virou de costas e não disse nada e quando ele a levou de carro ao aeroporto, você abraçou-o apertado por um longo, longo momento, e depois soltou. (ADICHIE, 2017, p.138)

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando a protagonista do conto “The Thing Around Your Neck” à luz da análise dos estudos pós-coloniais, sob a influência dos teóricos Homi Bhabha e Stuart Hall, podemos observar as complexidades da experiência da diáspora, da construção da identidade em contexto de hibridismo cultural. Ao longo do conto, a personagem principal enfrenta desafios significativos ao se ajustar a um novo ambiente nos Estados Unidos, enquanto ainda mantém uma forte conexão com sua terra natal, a Nigéria.

Sob o olhar de Bhabha, podemos entender a experiência da protagonista como um espaço de liminaridade, onde ela está constantemente negociando entre diferentes identidades e pertencimentos. A mudança para um ambiente culturalmente estranho cria uma sensação de "entre-lugar" para a protagonista por meio da qual sua identidade é fragmentada e reconstruída.

Não importa o quanto tentamos conhecer de uma outra cultura e o quanto tentamos nos esquecer quem somos e de onde viemos, isso jamais ocorrerá. Bhabha afirma que “[s]er obrigado a esquecer se torna a base para se rememorar a nação, povoando-a de novo, imaginando a possibilidade de outras formas de luta contra a e de liberação da identificação cultural (BHABHA, 1990, p. 310-311).

Da mesma forma, as ideias de Stuart Hall sobre identidade cultural e o sujeito pós-moderno oferecem revelações muito valiosas e reveladoras sobre a experiência da personagem. Ela é confrontada com a necessidade de se posicionar dentro de um sistema de representação cultural dominante, enquanto luta para manter sua própria identidade e voz dentro desse contexto.

Os silêncios da protagonista permeiam o conto e o uso narrativo da segunda pessoa não nos deixa esquecer que pessoas à margem como Akunna nunca falam por si mesmas, sempre são descritas pelas visões dominantes hegemônicas. A primeira pessoa tradicionalmente é um recurso narrativo usado para aproximar o leitor da experiência de uma personagem em detrimento das demais, tornando o local de fala hegemônico, centralizador. Portanto, a condição periférica em tantas camadas identitárias diversas é um grande problema para Akunna. Faz sentido que, apesar de a segunda pessoa gerar identificação com as experiências dela, também gera um afastamento, pois ela não é o “eu” que fala e sente em primeira mão para os leitores,

mas o você, o outro, sempre nesse lugar de alteridade em que alguém fala sobre ela, mas ela não pode falar sobre si mesma.

Ao examinarmos a sua jornada sob os contextos dessas perspectivas teóricas, somos levados a refletir sobre as complexas interações entre poder, identidade e resistência cultural. A narrativa revela as tensões e contradições inerentes à experiência pós-colonial, enquanto também nos oferece um vislumbre da resiliência e da capacidade de adaptação do indivíduo diante desses desafios.

Como afirma Brah, “diásporas são potencialmente, também, lugares de esperança e novos começos. Elas são terrenos culturais e políticos disputados, onde memórias individuais e coletivas se colidem, reagregam-se e se reconfiguram” (BRAH, 2002, p. 193, nossa tradução).

A visão de superioridade estadunidense sobre a Nigéria é entendida como um binarismo do sujeito dominado e do sujeito dominador, uma vez que, por serem considerados a maior potência econômica mundial, por liderarem em avanços tecnológicos de várias áreas e por serem detentores do modo de vida e cultura mais desejados ao redor do mundo, os Estados Unidos se tornam o modelo de país para se viver, desvalorizando e mesmo boicotando militar e economicamente qualquer país que tente competir ou pareça ameaçar sua hegemonia. O resultado desse binarismo é a diáspora sofrida pela personagem do conto, que migrou devido à visão de esperança e recomeço que sua família tinha em relação ao país para o qual foi. Desnecessário comentar quantas e quantas famílias, imigrantes da vida real, fazem o mesmo com seus filhos.

Em última análise, o estudo da protagonista do conto “The Thing Around Your Neck” à luz desses dois teóricos, Bhabha e Stuart Hall, leva-nos a uma compreensão mais profunda das dinâmicas de poder e identidade na era pós-colonial. Através da história da Akunna, somos confrontados com questões urgentes sobre pertencimento, construção de identidade cultural e resistência, que ressoam além das páginas do conto e continuam a moldar as experiências de indivíduos em todo o mundo pós-colonial.

As opressões sofridas pela protagonista Akunna são comumente vivenciadas, ainda hoje, por mulheres em sua maioria negras, como consequência do imperialismo e do patriarcalismo. Este trabalho busca, a partir dessa pesquisa, dar maior visibilidade a mulheres negras, especialmente imigrantes inseridas num contexto diaspórico, visando compreender melhor as consequências desses deslocamentos físicos e simbólicos sobre as identidades e vidas dessas mulheres.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, C. N. *Meio sol amarelo*. São Paulo: Companhia das letras, 2017.

ADICHIE, C. N. No Seu Pescoço. Tradução de Julia Romeu. Primeira edição, São Paulo: Companhia das letras.

BHABHA, Homi K. (2006), RUTHERFORD, Jonathan Third Space. *Multitudes* Volume 25, Issue 3, pages 95 a 107.

BHABHA, Homi K., "Unpacking my Library... Again". In: Chambers, Iain; Curti, Lidia (Eds.). *The Post-Colonial Question: Common Skies, Divided Horizons*. New York: Routledge. pp. 199-211. 1996.

BHABHA, H.K., *O local da cultura*. Belo Horizonte: ED. UFMG, (entre-lugares). 1996.

BRAH, Avtar.. *Cartographies of Diaspora: Contesting Identities*. London: Routledge, 2002.

BRAH, Avtar. *Cartografías de la Diáspora. Identidades en cuestión*. Tradução de Sergio Ojeda. Madrid: Traficantes de Sueños. 2011.

HALL, S.. *A identidade cultural no pós-modernidade*. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva e Cuacira Lopes Louro, décima primeira edição, Rio de Janeiro: DP&A.

EVARISTO, C (2008). *Poemas da Recordação e outros Movimentos*. Belo Horizonte: Nandyala. 2006.

HOOKS, Bell. *Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra*. São Paulo: Elefante. 2019.

JAMESON, F.. *Pós-modernismo: A Lógica Cultural do Capitalismo Tardio*. São Paulo: Ática. 1997.

KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Tradução de Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó. 2017.

KIPLING, Rudyard. "O Ônus do Homem Branco" ("The White Man's Burden"), publicado em 1899

PERROT, Michelle. *As Mulheres ou os Silêncios da História*. Bauru, EDUSC.2005.

SAID, Edward (1990). *Orientalismo*. Tradução de Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras. 1990.

REIS, E. “De mendigos, malandros e ditadores: Opera wonyosi, de Wole Soyinka”. In: FLORES, T., VILELA, A. (org.) Itinerários. Homenagem a Solange Ribeiro de Oliveira. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2009.

SHOHAT, Ella. *Observations regarding the post-Colonial*. In: *Third World and Post Colonial concerns*, Social text, no. 31/32. Published by: University of Duke.

SKLAR, R. L.. *A Nigéria: Um Estado Africano numa Encruzilhada*. Editora Unesp. 2004.

SOYINKA, W. A Dança da Floresta. In: *Opera Wonyosi*. Bloomington: Indiana University Press, 1981.